



Um programa em tempos de midiatização

Antonio Fausto Neto

Resumo: O artigo reflete sobre os esforços institucionais voltados para estimular iniciativas de estudos e de pesquisa sobre as mídias no Brasil, abordando a criação do sistema de pós-graduação, modelo único na América Latina e que se traduz por fortes e impactantes políticas de indução de recursos públicos na formação de mestres e doutores. Mas este sistema tem também seu lado arcaico, desumano e antidemocrático se considerarmos os efeitos devastadores – sobre vida e sonhos de muitas pessoas – das atuais políticas educacionais que não geram a inclusão, deixando jovens na periferia das possibilidades mínimas, inibindo-se, assim, saídas emancipadoras para muitas vidas.

Palavras - chave: Midiatização - Comunicação - Pós-graduação

Abstract: The article reflects on institutional efforts made towards the stimulation of study initiatives and research on media in Brazil, approaching the creation of the post-graduate system, a unique model in Latin America that can translated as one of strong and impacting politics of inducing public resources in the formation of masters and doctorates. But this system also has its archaic side, inhumane and antidemocratic, if one considers the devastating effects - over life and dreams of many people - of current educational policies which do not generate inclusion, leaving young people in the periphery of minimum possibilities, inhibiting, that way, emancipatory solutions to many a life.

Key words: Media - Communication - Post-graduation

Resumen: O artigo reflete sobre os esforços institucionais voltados para estimular iniciativas de estudos e de pesquisa sobre as mídias no Brasil, abordando a criação do sistema de pós-graduação, modelo único na América Latina e que se traduz por fortes e impactantes políticas de indução de recursos públicos na formação de mestres e doutores. Mas este sistema tem também seu lado arcaico, desumano e antidemocrático se considerarmos os efeitos devastadores – sobre vida e sonhos de muitas pessoas – das atuais políticas educacionais que não geram a inclusão, deixando jovens na periferia das possibilidades mínimas, inibindo-se, assim, saídas emancipadoras para muitas vidas.

Palabras - chave: Media - Comunicación - Post grado

Antonio Fausto Neto é professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos e professor visitante do Mestrado de Comunicação da UFSM. e-mail: afastoneto@gmail.com

Introdução

Estamos aqui, num evento de caráter inaugural o início de um novo programa de pesquisa e de pós-graduação, circunstância em que o projeto da UFSM toma corpo, sai para dar seus primeiros passos no “mundo da vida acadêmica”.¹

Gostaria inicialmente, de saudar a UFSM pela criação e a inauguração do seu Programa de pós-graduação em Comunicação e, também, pela realização desta solenidade, caracterizada por sua natureza comunitária, no sentido amplo do termo. É um ato de comunicação sustentado em um ritual de velho e saudável hábito acadêmico, pelo qual a Universidade diz ao que vem, anunciando um novo programa de trabalho universitário. Com esta aula inaugural, a UFSM vai dar curso a um ideal de ensinamento, e que se traduz no seu programa de ensino e de pesquisa em comunicação, o quarto desta natureza no Rio Grande do Sul.

Este é um momento de sincero reconhecimento por parte de quem aqui vem, para compartilhar deste processo que, hoje, se instala. Permitam-me, antes de tudo, a digressão diante dos efeitos deste convite tão honroso, por mim recebido, para proferir esta aula. Devo dizer-lhes que me senti estimulado a vir por um fato muito particular: Não me sinto totalmente, um convidado, um de fora! Se ousar dizer, me incluo nesta extensa família daqueles cujos gestos, em mais diferentes momentos, protagonizaram ações no sentido de criar as condições para que a UFSM pudesse, finalmente, oferecer este programa de pós-graduação. Nesta família, autorizo-me estar presente, e assim espero que vocês reconheçam que sou uma espécie de um tio-longínquo que teve a honra de colaborar com passos anteriores e convergentes para a concretização deste Projeto. Recordo-me dos anos noventa quando, na condição de professor da UFRJ, também na dupla condição de dirigente de minha sociedade científica, a COMPOS, como consultor da área de comunicação do CNPq, e ao lado de companheiros daqui e do Brasil, (como dizem vocês “lá de fora”), empunha-

¹ Texto da aula inaugural do Mestrado de Comunicação da UFSM, proferida em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 22.5.2006

mos muitos esforços para a criação do mestrado institucional em comunicação, através da parceria UFRJ/UFSM. Foi uma experiência exitosa que contou com aposta das universidades, das agências nacionais, dos professores, dos professores-alunos que se capacitaram com a qualificação de mestrado, e daqueles que saíram para consolidar a sua formação doutoral. Também, daqueles que nos deixaram, precursores que foram em inaugurar ao seu modo, processos de cooperação, feitos num clima de misto de amizade, de fraternidade, de fidelidade e de competência acadêmica. Aos que se foram como o Adelmo, as nossas saudades.

Posso-lhes dizer, com convicção, que aqui, desde lugar fronteiriço do Brasil, a UFSM, através do então mestrado interinstitucional em comunicação, foi um agente muito pioneiro para o desenvolvimento e experimentação de um programa de cooperação nacional entre universidades e agências públicas na área da comunicação, e do que resulta, hoje, o programa em instalação.

Sabem aqueles que servem à causa da Universidade que, por motivos vários, tem sido mais difícil construir uma cultura de cooperação técnica-acadêmica entre parceiros nacionais do que com interlocutores internacionais. Este olhar – o cuidar da própria casa – cultivar seus modos de ser, nem sempre se constituiu numa prioridade das políticas científicas e de intercâmbio no país, por causa de muitos fatores que não vem ao caso detalhá-los, agora. Mas, posso dizer que o primeiro exercício de alteridade a ser praticado para que possamos nos reconhecer, e também reconhecer o outro, e ser por ele reconhecido, é aquele que se imprime por um movimento “entre os pares” mais próximos. Isso exige que constituamos e cultivemos um lugar de onde possamos nos defrontar e nos constituir em um “nós” mais amplo.

II

O convite para preparar a aula evidenciou em mim, dificuldade para quem, por hábitos psicológicos, prefere assistir do que proferir uma fala desta natureza.

Penso que momentos como este exigem alguns pré-requisitos por parte daqueles assim solicitados, no contexto destes “rituais de passagem”. Requerem a competência para um dizer singular, como traduz a qualificação da aula (inaugural). Uma sapiência sintonizada com o momento. E como a sapiência é um dote a ser alcançado, vim mais na condição de um colega, trazendo a amizade, e os votos de feliz experiência e também alguns palpites sobre o trabalho que se espera de um programa de pós-graduação.

Superado este momento, defronta-se assim, a minha imaginação com inevitáveis perguntas que faço, atribuindo-as a suposta curiosidade dos outros. O que desejam ouvir as pessoas que lá estarão? Que temas e questões lhes parecem mais interessantes? O que representa para elas o título anunciado no convite? Estas indagações, ao invés de respostas, impõem mais dúvidas, diante do intervalo que serve como fronteira entre os nossos imaginários – o meu e o de vocês. Diante desta “zona de sombras”, só me resta arriscar, dizer-lhes algumas tantas coisas, esperando que a intercompreensão seja tentada, especialmente em ambientes que são sustentados pela escuta e pela reflexão.

Feita esta tateante introdução, esforço-me para dizer alguma coisa, sobretudo para os alunos que chegam a este estágio de estudos de pós-graduação. Mas também para os colegas – professores e pesquisadores – cujas biografias e competências se colocam a serviço deste projeto. Também aos gestores da universidade que tiveram e terão a responsabilidade de cuidar deste Programa, e finalmente, também para a comunidade. Portanto, comentários sobre um cenário de uma área científica – de estudos e de pesquisa – a da Comunicação Midiática, que é a razão de ser do nosso trabalho.

Os estudos referentes aos ofícios, práticas, e pesquisas sobre a comunicação atingem meio século no Brasil, e têm nos programas de graduação o seu inicial nicho de atividades. Deles são egressas muitas gerações de jovens que se capacitaram nas diferentes habilitações da

comunicação midiática, e que continuam sendo formadas por mais de 400 cursos de comunicação, no âmbito de graduação, no Brasil. São contemporâneos do aparecimento de fenômenos de comunicação, segundo diferentes práticas espalhadas por várias mídias, no Brasil. Ou seja, a emergência de práticas de comunicação e sua crescente evolução no país, exigiu do espaço acadêmico processos e atividades de estudos que fossem capazes de formar e capacitar muitas gerações para trabalhar nas mídias. Com virtudes e equívocos, tais processos foram largamente marcados por uma formação técnica em detrimento de outras dimensões. Este é o primeiro momento de institucionalização dos esforços realizados pelo campo universitário para qualificar vocações e recursos humanos para trabalhar na mídia, ao longo dos últimos 50 anos. Há um patrimônio construído por universidades cuja experiência é compartilhada com outros sistemas internacionais. Este patrimônio é uma consequência de esforços de políticas e de investimentos em tecnologias, recursos humanos, científicos, que, de uma forma ou de outra, procuram incidir sobre a qualidade de nossas mídias, na medida em que os formandos de nossas universidades nelas ocupam seus postos de trabalho. As avaliações sobre os programas de graduação em comunicação são muitas específicas. Mas a Universidade poderia desenvolver programas de investigações, de experimentação em seus laboratórios, de interação com outros campos sociais, iniciativas mais arrojadas e que ultrapassassem as atuais preocupações curriculares. Mas isto é um outro problema que transcende os limites desta fala.

III

Os esforços institucionais (universitários) voltados para estimular iniciativas de estudos e de pesquisa sobre as mídias, evoluíram no Brasil, com a criação do sistema de pós-graduação, modelo único na América Latina e que se traduz por fortes e impactantes políticas de indução de recursos públicos na formação de mestres e doutores; no financiamento da pesquisa; no apoio às

atividades das instituições científicas representantes de área; em processos de avaliação de programas; no estímulo às políticas editoriais e aos processos de cooperação nacional-internacional; na criação de programas de formação de jovens com vocação para pesquisa-bolsas IC e PET; em suma, o alavancamento da cultura de pesquisa e de pós-graduação, sem parâmetros semelhantes, a não ser em alguns países desenvolvidos. Este é o lado moderno de um sistema educacional movido por esforços realizados em sua quase totalidade pelo Estado, uma vez que a iniciativa privada participa apenas com 1% nos volumes destinados a pesquisa no Brasil. Mas este sistema tem também seu lado arcaico, desumano e antidemocrático se considerarmos os efeitos devastadores – sobre vida e sonhos de muitas pessoas – das atuais políticas educacionais que não geram a inclusão, deixando jovens na periferia das possibilidades mínimas, inibindo-se, assim, saídas emancipadoras para muitas vidas.

Neste contexto, situa-se o subsistema de pós-graduação em Comunicação, constituído por 27 cursos - mestrados e doutorados - concentrados, a sua maioria na região sudeste do país, apesar de outros pólos regionais darem mostras de seu vigor e do empenho de suas universidades, voltados para esta iniciativa. No que diz respeito ao RS, registre-se uma particularidade: aqui estão instalados quatro programas de pós-graduação, dois em Porto Alegre, um terceiro na grande Porto Alegre – São Leopoldo – e um quarto – o programa da UFSM – o primeiro em funcionamento numa universidade pública, fora de áreas metropolitanas. Três destes programas oferecem estudos de mestrados e doutorados, sendo que, dois deles, com a nota máxima nacional atribuída pela avaliação da CAPES, e o quarto oferecendo, em seu estágio inicial, estudos de mestrado, o PPG da UFSM. Isso nos permite dizer que anos de esforços foram convertidos na existência no Rio Grande do Sul de um pólo de estudos de pós-graduação em Comunicação para candidatos egressos de quase dezenas de cursos de graduação do Estado, mas também de outras regiões do país e da

América Latina.

Neste subsistema de ensino e de pesquisa de pós-graduação, trabalham quase 500 docentes doutores, e segundo dados de 2003, foram matriculados mais de dois mil alunos, tendo sido titulados no período 2001/2003 em torno de 1800 mestres e doutores: 1.398 mestres e 455 doutores. Registra-se entre 1996 e 2003 uma expansão no número de cursos, uma vez que saltamos de 8 cursos com mestrados e doutorados para 19, o que significa dizer houve uma duplicação no número de cursos. Se em 1996 foram titulados 96 doutores, este número saltou para 175 em 2002/3, quase que duplicando. Em 2003 o sistema oferecia 2.300 vagas para formação de mestres e doutores, com capacidade de titular 650 discentes por ano. Estes números são hoje mais elevados, se considerarmos a inclusão no sistema de novos cursos, sem se falar ainda naqueles que devem ser criados nos dois próximos anos. Algumas conclusões podem ser tiradas destes rápidos indicadores:

- a) o sistema de formação de mestres e doutores na área de comunicação, já está massificado, não apenas pelos números de pós-graduandos formados em oito anos (810 doutores e 2505 mestres), mas pelo número de cursos existentes e de vagas por eles disponibilizadas;
- b) pelo menos, estima-se que dentro de quatro anos, um número de cursos, correspondentes a 50 por cento dos existentes, estará sendo autorizado a funcionar, ou montando processos para sua criação;
- c) cresce também a demanda e interesse de alunos graduandos para buscar na pós-graduação a ampliação e a diversificação nos seus processos de capacitação, com vistas a entrada no mercado de trabalho;
- d) constata-se o crescente interesse pela área de estudos em comunicação, inclusive da parte de egressos de outras áreas, o que permite destacar a importância que a comunicação midiática vai apontando como um novo e complexo objeto de estudos.

Apontamos, até aqui, a importância do próprio

subsistema a partir de alguns indicadores numerosos e que são revelados pela avaliação das instituições oficiais que cuidam das políticas públicas. É preciso lembrar que os mecanismos reguladores do ensino superior (pós-graduação) já não mais residem nas fronteiras da própria universidade. Isto é, as universidades, que perderam, já faz muito, a peleja por sua autonomia financeira, perdem também a sua autonomia pedagógica, em consequência da existência de novas práticas através das quais a autorização e liberação de recursos estão diretamente atreladas a mecanismos avaliativos definidos e implementados por agências governamentais.

É importante aos que chegam aos bancos da pós-graduação, que sejam detalhadas as concepções destes mecanismos. A definição por uma criação de um programa de estudos, nível de pós-graduação, já não é mais uma decisão unilateral da Universidade, assentada em sua cultura, sua tradição e no lastro dos seus pesquisadores. Mas, em dispositivos, instâncias fiscalizatórias e regulatórias das políticas de Estado. Estas interferem, direta e indiretamente, nas decisões pedagógicas com que a Universidade funda suas decisões. Isso acontece pelo fato dos recursos sendo atrelados à fundos públicos, são controlados por agências e mecanismos que acompanham a observância de certos critérios e que devem nortear decisões sobre a criação de programas. Vale ressaltar que este fenômeno não se trata de uma questão especificamente brasileira, mas um dado internacional, observado por diferentes sistemas de educação superior, decorrência dos ventos da globalização e da interdependência de modelos que sopram também sobre os sistemas públicos de financiamento da educação. A referência mais reiterada na Europa, quando se discute as estratégias de formação do ensino superior, trata-se do “Acordo de Bolonha”, diretrizes que orientam e regulam os investimentos na criação, funcionamento e avaliação de cursos superiores, no âmbito de países-membros da Comunidade Européia. Isto significa dizer que as decisões dos países sobre suas políticas são, pelo menos na Europa, cada vez mais

interdependentes.

Tais modelos que estruturam os modos de ser das nossas experiências educacionais na área de pós-graduação, têm vantagens e desvantagens: de um lado, estabelecem exigências de qualidade, especialmente junto à sistemas sobre os quais cria-se a justa expectativa de qualidade e de competitividade, especialmente no cenário internacional da pesquisa. Mas, cria também, desvantagens e uma delas é a tendência de um sub sistema desta natureza operar com um tal grau de autonomia, levando em conta apenas seus parâmetros e preocupado com sua auto performance, nos limites de sua própria fronteira, daí perdendo-se pontos de contato e de fertilidade entre sub-sistemas mais amplos. Neste caso, a Universidade (os seus cursos de pós-graduação) presta contas mais diretamente às agências financiadoras e regulatórias, do que outras instituições e agentes da sociedade. Significa dizer que os impactos da pós-graduação sobre as demandas e necessidades da sociedade, representam um item menor nesta hierarquia de condicionamentos.²

² FAUSTO NETO, Antônio. A pesquisa vista "de dentro de casa". In.: *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione e HOLFELDT, Antonio (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2002 . p. 21-36

Consideramos da maior importância que desenvolvamos um sistema de pós-graduação que leve em conta a realidade de cenários do mundo globalizado. Entretanto, suas políticas não devem se alimentar apenas nas fronteiras das exigências de "políticas de área", definidas que são pelos sistemas avaliadores, que criam critérios instituídos por suas concepções e sobre os quais os cursos trabalham para responder a tais expectativas, consideradas relevantes pelo próprio sistema avaliador. Estaríamos assim, diante de um modelo no qual o "lugar avaliado" responde o que o "lugar de avaliação" dele espera, ou seja, a ratificação de "questões referências" que residem em suas próprias convicções. Entende-se que as políticas de área, ou seja, as diretrizes que organizam o funcionamento de uma área de conhecimento sejam referências fortes para o desenvolvimento de suas políticas e atividades de produção em um ramo de conhecimento. Mas, também, uma atividade-meio, a serviço de políticas mais amplas, e que possam usufruir dos efeitos de conheci-

mentos produzidos pela Universidade. É neste nível que nos perguntamos: em que medida as “políticas de área” são capazes de gerar impacto extra-área, produzindo repercussões sobre a esfera pública, gerando debates e encaminhamentos de problemáticas que transcendam às próprias fronteiras dos laboratórios e dos relatórios científicos? Em que medida a área da comunicação, em consequência de conhecimentos produzidos em seus cursos de pós-graduação, está gerando agendas que suscitem debates e incidam sobre outras políticas, a exemplo do que estaria se passando em outros âmbitos?

Se olharmos sobre a trajetória dos programas mais antigos, e a dos programas que hoje nascem, vemos que os cursos surgem como frutos de várias problemáticas comunicacionais, que são convertidos em seus objetos, mas que também deverão resultar de problemáticas societárias. Isso se traduz na definição das áreas de concentração, nas linhas de pesquisa e disciplinas ministradas nos programas, no exercício das pesquisas conduzidas pelos professores, no perfil de sua formação, nas demandas dos pós-graduandos e pesquisadores, expressadas nos projetos com que se candidatam aos mestrados e doutorados. Reflete vários estágios dos processos de institucionalização de uma área de conhecimento e que são atravessados por variáveis humanas, políticas, epistemológicas e teóricas, sem esquecer a própria tradição da área de estudos.

De modo esquemático, lembremos algumas características que marcam as condições de produção de conhecimento na área da comunicação:

a) O primeiro momento da nossa atividade universitária, é caracterizado pela injunção das orientações empiricistas que ilustram a presença dos ventos e da orientação dos estudos de comunicação, de inspiração norte-americanos. Marcaram – ao lado da ênfase da formação técnica – a formação teórica de nossas escolas de comunicação e, principalmente, dos primeiros cursos de pós-graduação, alguns voltados para estudar os ofícios profissionais e, outros, para a pesquisa aplicada.

b) Num segundo momento, temos os progressos de estudos “críticos-analíticos” bafejados pelas proposições da teoria crítica, do marxismo, do estruturalismo, que aportam entre nós nos tempos duros da repressão. Ajudam-nos a compreender os mecanismos culturais através dos quais funcionava o imperialismo. Aguçaram a sensibilidade por uma compreensão (política) dos *mass medias* emergentes, mas sem a devida e necessária problematização teórica e epistemológica do que representava a emergência desta modalidade de cultura técnica.

c) Estes dois primeiros momentos informam que o traço teórico e metodológico de nossa pesquisa era caudatário das condições de recepção de referências que se instalavam, em nossos programas de pós-graduação. Importamos não só as teorias e as metodologias, mas, muitas vezes, os temas e os problemas a serem pesquisados. Isso significa dizer que as chamadas “ciências da comunicação”, numa primeira fase, estiveram a reboque das ciências sociais, pois boa parte dos seus problemas e questões, é sugerida de fora, ou a sua produção é posta fora da própria área (MARQUES, 2004; GOMES, 2000 e BRAGA, 2004).³ Impossível que os efeitos destas “idéias fora do lugar”, fossem diferentes de como se apresentavam na tradição das condições de produção de conhecimento de uma área cujo objeto – as mídias – representavam, fenômeno de “segunda classe” no cenário dos estudos universitários.

d) Porém, deve ser reconhecido que estes primeiros ensinamentos tiveram um papel positivo, pois permitiram junto às primeiras gerações que estiveram em nossa pós-graduação, se defrontar com conceitos fortes e estratégicos para se entender a relação dos mídias com o mundo mais abrangente. Também, em conceder-lhes algum domínio de certos instrumentos capazes de descrever, empiricamente, fenômenos de comunicação. Por fim, algo que considero positivo e que me preocupa diante da indiferença, especialmente docente: o conhecimento e o respeito pelos “clássicos”, enquanto fontes e indicadores

³ MELO, José Marques de. *A esfinge midiática*. São Paulo: Paulos, 2004. p.55.

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. Texto proposto ao GT Epistemologia da Comunicação. São Bernardo do Campo, Compós, 2004. p.2.

GOMES, Wilson; MOREIRA, Sonia Virgínia. O estado da arte dos cursos brasileiros de pós-graduação em Comunicação. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São paulo: Intercom, v.XXIII, n.2, p. 129-130, jul./dez. 2000.

de um patrimônio teórico e metodológico, chave para uma área de conhecimento em formação.

e) Com a emergência da sociedade midiática, caracterizada pela presença dos meios de comunicação, ampliam-se as possibilidades de estudos de pós-graduação, tendo como objeto as mídias, fato que representa a criação de novos programas; o aparecimento das sociedades científicas da área (Intercom e a Compós); constituição de comitês científicos de comunicação junto às agências governamentais, onde recursos eram pleiteados e/ou concedidos para apoiar a formação de pesquisadores, eventos científicos e mesmo a pesquisa da área, dando possibilidade para a criação de um novo cenário na cultura e na política de pesquisa da área. Se consultarmos as áreas de concentração, as linhas de pesquisa e a produção científica dos programas, observa-se um avanço no esforço para se dar um contorno ao tema central da área, a comunicação midiática. Este apresenta-se desdobrado em vários subtemas. Estes subtemas examinam duas vertentes e problemas: práticas midiáticas segundo modelos metodológicos específicos ao mundo das mídias, especialmente das habilitações, e um segundo caracterizado por hibridações de várias ordens, oriundas das Ciências Humanas e Sociais. Louve-se a atitude interdisciplinar, mas a mesma trouxe também muitos problemas. Por exemplo, um baixo esforço analítico para se compreender os fenômenos midiáticos a partir da própria complexidade dos seus próprios objetos. No lugar disso, uma subordinação destes fenômenos às problemáticas de fundo mais sócio-antropológicas, mecanismos que mudam os próprios objetos em estudo, transformando-os em questões afins às outras disciplinas. Daí, resulta o aparecimento de pesquisas, teses e dissertações onde a questão midiática é apenas um pre-texto para se provar a viabilidade de uma determinada teoria e/ou metodologia. As manifestações midiáticas são tomadas apenas como decoração e não como a problemática central a desafiar a indagação teórica e a problematização metodológica. Nestes termos, a comunicação é uma consequência dos múltiplos movi-

mentos teóricos dos investigadores, transformando-se numa questão “guarda chuva”, diria uma grande nomenclatura para problemáticas que, necessariamente, não estão no campo da comunicação midiática.

f) Esta tendência parece perder força, como consequência dos processos de avaliação desenvolvidos pelas “políticas de área”, cujos critérios exigem a constituição dos processos identitários dos cursos, bem como das políticas de pesquisas por estes desenvolvidas. Os chamados critérios de área passaram a nortear o modo de se constituir dos programas de pós-graduação, que a seu turno, se movem mais coerentemente para responder à tais desafios e prescrições levantados pelas agências. Entretanto, cumpre ressaltar que o debate e a continuidade de estudos sobre a própria constituição da comunicação - enquanto campo, disciplina e objeto - são mais uma decorrência das injunções das políticas públicas das agências do que auto-iniciativas dos próprios programas de pós-graduação. Isso reflete a existência no universo dos programas mais de uma “cultura disciplinar” do que, efetivamente, de indagações tecno-epistemológicas.

Ao refletir sobre tais percursos, longe de mim, qualquer atitude sobre a qual repouse a crença de que as fronteiras da comunicação midiática se bastariam para construir uma ciência, ou mesmo um campo de estudos universitário. Minhas convicções repousam na idéia de que o conhecimento é uma resultante de dialogias, de ressonâncias e de “tomadas de empréstimo” de outros conhecimentos que se tornam condição de produção para novos programas de investigação.

Porém, algo deve presidir este movimento de incorporações e/ou de ajuntamentos das ressonâncias e das interfaces. É justamente, a capacidade de que dispõe um determinado campo de conhecimento para fazer trabalhar outras disciplinas face às suas interrogações e especificidades. Algo, como exprime, o sociólogo Pierre Bourdieu, ao refletir sobre as condições e relações de funcionamento dos campos científicos. Como exemplo des-

sas relações, em que um campo necessite do aporte de uma disciplina, dizia ele, é preciso fazer trabalhar a filosofia, referindo-se aos modos de exercício da interdisciplinaridade.⁴ Por outras palavras, pensando a especificidade do campo da comunicação, devemos tensionar todas as disciplinas necessárias sobre a pertinência que tenham a respeito do modo de operar à pesquisa deste campo. Mas, a partir de pedidos e de angulações que sejam definidas a partir dele, enquanto um “lugar de saída”. Para tanto, é preciso que saibamos conhecer os graus de pertinência de outras disciplinas para o nosso campo e trabalho, e este ofício é nosso trabalho: saber fazer questões a outros campos. Instaurar níveis de problemas que devam ser examinadas relacionalmente, sem perder de vista a especificidade última de uma disciplina de trabalho, no caso a comunicação midiática. Nisso consiste, a meu ver, a interdisciplinaridade. Tem como ponto de partida a própria complexidade do objeto comunicacional, o qual emite pistas sobre a necessidade do seu esclarecimento e que somente podem ser percorridas por movimentos de relações com outras disciplinas, e tendo-se como processo o tensionamento do objeto, via angulações e parâmetros do próprio campo.

Quando fazemos estas afirmações, constatamos que os fenômenos midiáticos transbordam, crescendo, os aspectos fronteiriços da comunicação e que formalmente, estudam sua existência e funcionamento. Basta examinar anais de eventos de várias áreas de conhecimento, que vemos estes fenômenos sendo estudados por diferentes cientistas, em decorrência dos níveis de interpelações que a mídia faz cada vez mais à sociedade e ao mundo das disciplinas acadêmicas. Mas, neste caso, as mídias são uma espécie de “objeto-meio”, que estão forçosamente subordinados e mediados por quadros conceituais e de interrogações de um determinado ramo de conhecimento. Este não parece ser o nosso caso, o da área da comunicação. As mídias, nas suas mais diferentes manifestações, se constituem fim para o nosso campo de estudos e pesquisas. O que não quer dizer que não devamos

⁴ BOURDIEU, Pierre. *A dimensão simbólica da dominação – O campo econômico*. São Paulo: Papirus: 2000.

desenvolver atitudes relacionais e de diálogo com outras disciplinas, a fim de que possamos produzir as interpretações e esclarecimentos sobre as complexidades midiáticas.

IV

O programa de estudos e de pesquisa em comunicação da UFSM, nasce assim, neste contexto complexo, mas de potencialidades. Nasce, como dizem os nossos colegas portugueses, através de uma palavra bela, numa “viragem de problemática”, decorrência da própria transformação dos nossos objetos. Saímos praticamente da sociedade dos meios – a “sociedade midiática” – para uma outra literalmente atravessada pela ordem, lógica e cultura – e que é a “sociedade da mediatização”. A diferença dentre elas, de modo sucinto, está no fato de que na primeira, os meios se constituíam em dispositivos de organização e interação entre os demais campos sociais, representando-os por sua competência discursiva, no âmbito da esfera pública. Ou seja, diferentes práticas sociais eram visibilizadas pelo trabalho simbólico de representação destas diferentes realidades. Dar transparência, desacralizar o que as fontes impediam de ser público, anunciar o que os campos sociais necessariamente não desejavam fazer, eram “conceitos fortes” na sociedade midiática, na qual os meios se constituam em vetores estratégicos, no âmago da vida e na dinâmica tensional dos campos sociais.

A sociedade mediatizada é um avanço deste momento, e se traduz por um grau de comunicação mais complexo, na medida em que não se restringe ao trabalho de mediação dos meios, mas na existência de toda uma organização e temporalidade que é atravessada pela lógica da tecno-interação midiática. Trata-se de uma ambiência, de uma nova forma de vida que resulta da inscrição crescente das tecnologias nos processos de interação das práticas sociais, que passam a ser organizados por uma “sócio-técnica”.⁵ Nestes termos, a experiência contemporânea é realizada por novos artefatos, cuja lógica, forma de saber, de poder e de fazer, decorrem

⁵ VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos*, n.8. Lima: Felafacs, 1997.

menos dos fundamentos clássicos nos quais se produzi-
am os vínculos sociais, e mais e mais da ordem da
informatividade.⁶ Não existe nenhuma prática social –
dos mais diferentes campos e em distintos processos de
funcionamento – que não seja afetada pela “ordem da
midiatização”. Ela se converte num fenômeno social, ao
mesmo tempo em que ela própria transforma o “modo
de ser” da sociedade onde ela opera. Tal aspecto por si
só seria suficiente para chamar atenção para o impacto
que este fenômeno tem sobre os novos programas de
estudos e de investigação na nossa área.⁷

Estes novos cenários, nos quais a existência e a
inserção destes dispositivos sócio-técnicos na sociedade
se convertem em objetos de conhecimentos, não devem
ser considerados como obstáculos para a caminhada do
programa de pós-graduação na UFSM. Pelo contrário,
se constituem em estímulos fortes porque apontam para
uma problemática central, na medida em que - como
advoga um teórico do porte de Niklas Luhmann - as
categorias explicativas para se entender a sociedade em
que vivemos não são mais somente as clássicas orienta-
ções das ciências sociais. Apresenta-se em seu lugar, todo
um quadro alternativo, conceitual-analítico, que é o da
comunicação.

É a existência da midiatização, como uma nova
forma de atividade organizadora da interação social, que
se impõe como um fenômeno para o qual se deve dese-
nhar novos caminhos metodológicos e teóricos capazes
de esclarecer a sua complexidade. Face à singularidade
do momento em que este programa ingressa nesta co-
munidade de estudo, e também levando em conta a na-
tureza de sua proposta, a UFSM é assim desafiada a in-
gressar no rol destas problemáticas. Ela ultrapassa a uni-
versidade, na medida em que amplos e competentes
setores dos mercados e das instituições dela também se
preocupam, considerando a sua importância estratégica
para o desenvolvimento de práticas de produção e de
compartilhamento de conhecimentos. Torna-se redundan-
te dizer que os processos de legitimação de práticas soci-

⁶ LASCH, Scott. *Crítica de la información*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

⁷ FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização, prática social – prática de sentido. trabalho apresentado no Encontro da Rede Prosul - Comunicação, Sociedade e Sentido, no seminário sobre Midiatização, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo, 19/12/2005 e 06/01/2006.*

ais, inclusive as do campo científico, se efetivam na medida em que se busca nos processos midiáticos os seus mecanismos e configurações de existência e de reconhecimento.⁸

Entretanto, somente a universidade pode construir respostas sólidas e agendas fundamentadas sobre esta problemática, na medida em que trabalha noutras temporalidades, e agendas, que são seus programas de formação, via a investigação e o ensino acadêmico.

Meus colegas, ousem, constituam de fato um “canteiro de obras” de pesquisas. Sejam atentos e pragmáticos aos reclames das agências porque sem o combustível das mesmas, vocês não “manterão o avião no ar”. Mas, a manutenção do avião em velocidade de cruzeiro não depende apenas da observância das normas institucionais-administrativas que regulam a vida acadêmica. Depende também, largamente, da sua capacidade de ousar, de criar, e, principalmente, de construir a reputação do Programa pela seriedade dos estudos e da pesquisa, a construção pela observância de um clima acadêmico, de trabalho produtivo, marcado pela diferença, tolerância, não-endogenia, pelo cosmopolitismo. Imagino a importância de uma tripla sensibilidade, que se coloca, como um dos requisitos para o trabalho acadêmico, de vocês no dia a dia: àquela voltada para a comunidade que os sustenta e os legitima, através de uma abertura para suas demandas comunicacionais e que podem ser traduzidas em muitas agendas de contato e de trabalho; a da cooperação com seus colegas pesquisadores, nacionais e internacionais, de modo que tenham aqui sempre a informação, o olhar e a sugestão que ajudem a construir, de modo comparativo, a diferença e a renovar os processos de estudo e de pesquisa; e finalmente, uma permanente acuidade face às demandas dos seus alunos. Um programa é o que o seu aluno faz, na escolaridade, na pesquisa, na tese, pois ele faz parte também da construção desta reputação, requisito básico para o reconhecimento de um programa de estudos.

Não transformem o ato celebrativo da criação

do Programa, numa manifestação contínua. Este foi apenas o primeiro passo e outros virão, talvez mais complexos e mais difíceis. Construam um estilo de trabalho, algo que dá muito trabalho, mas que é fundamental para que vocês possam chegar mais longe.

Não esqueçamos que um programa de estudo é uma empreitada constituída por vários aspectos, e principalmente pelas pessoas, nas suas diferenças e de seus estilos. Por isso, é fundamental que vocês “percam tempo” na construção do tecer deste entendimento que se faz necessário para a navegação que estão a fazer. Podemos muito aprender na reflexão e no estudo sobre o modo de se constituir, um coletivo de trabalho, pois a história se faz nestas teimosas, mas também prazerosas experiências.

Agradeço muitíssimo a oportunidade que me proporciona a UFSM, em poder anunciar e compartilhar com vocês estas questões. Trata-se de um modesto, mas sincero convite para a realização de um percurso que hoje se inicia.